



PENSANDO AS LICENCIATURAS

**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Pensando as Licenciaturas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P418 Pensando as licenciaturas [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Pensando as Licenciaturas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-117-6

DOI 10.22533/at.ed.176191202

1. Educação. 2. Professores – Formação. 3. Pesquisa – Metodologia. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 373.1122

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Por mais que educar seja uma aventura em meio às palavras, ainda me faltam palavras para poder falar de algo que busca sobreviver. Mesmo em meio aos acontecimentos políticos, bem como a desvalorização da Educação como um todo, principalmente o Ensino Superior. A Licenciatura ainda resiste e existe. E vem existindo e resistindo há anos.

E em posto de resistência, este livro traz, antes de qualquer coisa, uma reflexão sobre o ensino brasileiro, bem como traz a colaboração de Professores comprometidos com a qualidade do ensino e com os rumos que a Licenciatura vem seguindo. Aqui, neste espaço nosso, no lugar de fala como professores, propomos, questionamos, nos inquietamos e, sobretudo, nos faz pensar sobre as Licenciaturas. Também, este livro ele vem assessorar os coordenadores de cursos, na elaboração dos projetos pedagógicos e das propostas de organização curricular dos cursos de licenciatura, no qual insistimos na necessidade de valorizar a trajetória das instituições de ensino que investem na área de formação de professores, construindo projetos político-pedagógicos de cursos diferenciados, que buscam preservar a qualidade dos cursos, mantendo sua duração e base teórica sólida. Tal como a busca em institucionalizar as relações universidade e escola pública, fomentando a real parceria na formação de educadores. Constrói uma real integração teoria-prática, articulando as práticas e estágios com todas as disciplinas dos cursos, que requer as de natureza pedagógica, quer as voltadas para aos conteúdos específicos, de modo que as atividades práticas sejam baseadas em reflexões teóricas e intencionalizadas para a formação do docente e para a construção de projeto inovadores.

Na certeza de que a formação de um professor precisa, antes de qualquer coisa, ser realizada em um curso específico, em uma estrutura de identidade própria e de qualidade, esta comissão considera que uma verdadeira universidade não deve (e nem pode) aligeirar à formação de seus profissionais, em especial, os da educação. Assim, apesar das novas determinações, esta comissão sugere que a Unesp não retroceda das conquistas já realizadas, no que diz respeito à duração e ao conteúdo dos cursos de formação de professores, mas que aproveite a oportunidade de atendimento às normas legais para melhorar a qualidade dessa formação. É importante reconhecer que é na escola – com suas regras e ritos, suas pessoas, tempos e espaços – que muitas concepções são perpetuadas; é na escola que, concretamente, os professores reforçam ou anulam saberes oriundos de sua formação. É no trabalho das escolas que a maioria dos licenciados acabam por reconhecer que “a teoria, na prática, é outra...”.

E mais, violência urbana, mídia, globalização: em que sociedade estamos inseridos? Educação é direito social ou mercadoria: que projeto social e cultural perseguimos? Todos estamos convencidos: formar professores no século XXI implica em responsabilizar os educadores para com a inclusão social, construindo projetos político-pedagógicos comprometidos com a escolarização da maioria dos cidadãos

brasileiros. Qualquer projeto competente para formação de professores, que hoje passa pela inclusão das escolas básicas e de seus professores, como parceiros nas tarefas de formação. Essa tarefa precisa ser partilhada por profissionais em exercício, com experiência para ser ensinada. Ensinada tanto aos graduandos, quanto aos próprios docentes universitários.

Por isso, falo de apenas um aspecto: neste século. Devido à complexidade do fenômeno educativo, à diversidade das crianças que estudam e aos dilemas morais e culturais, que seremos chamados a enfrentar, teremos de repensar o horizonte ético da profissão. Acredito que os próximos anos serão marcados pela instabilidade e pela incerteza. A atitude ética não depende só de cada um de nós, mas da possibilidade de uma partilha efetiva com os colegas. Precisamos reconhecer, com humildade, que há muitos dilemas para os quais as respostas do passado já não servem e as do presente ainda não existem. Para mim, ser professor no século XXI é reinventar um sentido para a escola, tanto do ponto de vista ético, quanto cultural.

E por mais que o marasmo, as dificuldades, as faltas tentem nos barrar, continuaremos resistindo e existindo, seja no ensino básica, seja cursando uma licenciatura, seja lecionando em um curso de licenciatura, seja pesquisando. De tanto existir e resistir, é que materializamos, hoje, esta obra que contempla o que nos faz diferentes: a licenciatura.

Pensando a Licenciatura nos autoriza a criticar, a voltarmos para nosso lugar de fala e de mostrarmos caminhos a serem trilhados. Com mais de 90 obras, este livro será feito em 4 edições, a fim de respeitar cada autor que, com muita dedicação, contribuí com esta publicação, bem como a colaborar para a leitura dos leitores.

No artigo **(RE) PENSANDO O PAPEL E O ESPAÇO DA GESTÃO NO CONTEXTO ESCOLAR**, os autores, MarluCIA Barros Lopes Cabral, João Pinto Cabral Neto, Viviany Christine Rodrigues da Silva, Jocília do Oliveira Rodrigues este estudo objetiva refletir sobre o processo de gestão no espaço escolar. Como resultado, almeja provocar aos gestores e estudiosos a (re) pensarem o papel e o espaço da gestão democrática no contexto escolar, focalizando a finalidade principal da educação: a aprendizagem efetiva do aluno. No artigo **“SE O CAMPO NÃO PLANTA, A CIDADE NÃO JANTA!”:RELATO DE EXPERIÊNCIA DA OFICINA DE ESTÁGIO NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**, os autores Thiago Lopes Santos, Helenita Rodrigues Costa, Terciana Vidal Moura, Givanildo Ribeiro Braz abordam um relato de experiência de um estágio desenvolvido em uma turma do 6º ano na instituição de ensino Colégio Dr. Julival Rebouças, localizada no município de Mutuípe-BA. No artigo **♪CANTANDO LIGAÇÃO QUÍMICA♪** os autores Karla Nara da Costa Abrantes, Maria Aparecida da Silva Rodrigues, Fabiana Gomes, Alécia Maria Gonçalves o texto relata a aplicação de paródias sobre Ligações Químicas elaboradas por duas turmas de alunos do primeiro ano do Instituto Federal de Goiás. No artigo **A APLICAÇÃO DO ESTUDO DE CASO COMO METODOLOGIA DE ENSINO ALTERNATIVA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**, os autores Vanessa dos Santos Silva, Carla Sabrina Jorge Santos, João Sinval Moura

objetivos desse trabalho é a aplicação do caso Morte de Abelhas, como uma metodologia de ensino de ciências em uma escola estadual de Teresina-Pi. No artigo **A aprendizagem no ensino médio Integrado: DISCUSSÕES Com UM OLHAR PARA a indisciplina NA ESCOLA**, os autores Danieli Vieceli, Maria Teresa Ceron Trevisol, Universidade do Oeste de Santa Catarina, analisam a compreensão dos estudantes do ensino médio integrado, de uma instituição federal de ensino, a respeito do fenômeno da indisciplina no âmbito escolar. No artigo **A ESPECIFICIDADE DA FILOSOFIA REQUER UM ENSINO ESPECÍFICO**, os autores José Cândido Rodrigues Neto, Valmir Pereira, Maria Aparecida Silva Bezerra, Maria Claudia Coutinho Henrique, busca responder algumas questões inquietantes que levam em consideração a abertura que há nos problemas filosóficos, será que esta disciplina pode ser transmitida de uma maneira conteudista? Será que seu ensino deve ser pautado por uma didática comum a outras disciplinas, ou será que sua natureza crítica requer uma didática própria de ensino? No artigo **A FORÇA DA PALAVRA: O RAP COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM E VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE PORTUGUÊS**, os autores objetivo de destacar a relevância de inserir as manifestações culturais afro-brasileiras no processo de ensino-aprendizagem nas aulas de língua portuguesa, e propõe sua realização por meio do gênero musical rap. No artigo **A IMPORTÂNCIA DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO APERFEIÇOAMENTO DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA ÁREA DE SAÚDE**, os autores Jefferson Romáryo Duarte da Luz, Hislana Carjoa Freitas Câmara, Rebeca Gondim Cabral Medeiros de Azevedo, Adriana da Silva Brito, Ana Katarina Menezes da Cruz, Rosangela Lopes Dias no trabalho buscam demonstrar a importância da iniciação científica no aperfeiçoamento da construção do conhecimento na área de saúde. No artigo **A INTERPRETAÇÃO TEXTUAL COMO OBSTÁCULO NO ENSINO DE FÍSICA**, os autores Sandyeva Francione Silva Araújo, Raul Ferreira de Macêdo, Maria Emília Barreto Bezerra, Nelson Cosme de Almeida, Joseilda Viana de Oliveira buscam debater e expor as dificuldades enfrentadas por professores e alunos no ensino de Física, especialmente no tocante a interpretação textual. No artigo **A RELAÇÃO AFETIVIDADE E O PROCESSO ENSINO – APRENDIZAGEM**, os autores Maria Rosilene de Sena, Aluana de Sousa Silva, Elisangela Costa Oliveira, Italo Rômulo Costa da Silva, Rosélia Neres de Sena procuram estudar acerca da relevância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem. No artigo **A TRIGONOMETRIA NO CURSO TÉCNICO EM ELETROTÉCNICA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA- IFPB- CONTRIBUIÇÕES DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA**, o autor Antonio Gutemberg Resende Lins apresenta uma pesquisa sobre o escopo e as limitações de uma intervenção didática no processo ensino-aprendizagem dos conceitos trigonométricos dirigidos aos aprendizes do Curso Técnico em Eletrotécnica Integrado ao Ensino Médio do IFPB. No artigo **ABORDAGEM CONCEITUAL E METODOLÓGICA DA PEDAGOGIA DE PROJETO NA FORMAÇÃO DOCENTE**, as autoras Maria Rita Silva Araujo e Prof^a.

Teresinha Vilani Vasconcelos de Lima buscam analisar a abordagem conceitual e metodológica da pedagogia de projetos na formação docente sob a perspectiva dos graduandos das licenciaturas oferecidas no Instituto Federal do Piauí – Campus Teresina Central. No artigo **AÇÕES EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ABORDAGENS SOBRE SANEAMENTO BÁSICO EM COMUNIDADE RURAL DE COCAL-PI**, os autores Raiane de Brito Sousa, Letícia de Andrade Ferreira, Marciele Gomes Rodrigues, Paulo Sérgio de Araujo Sousa, Elenice Monte Alvarenga buscam realizar uma verificação sobre os conhecimentos dos moradores da comunidade e dos estudantes da escola José Rodrigues de Almeida, a fim de identificar a destinação do lixo, relacionando-o ao saneamento básico. No artigo **ADAPTAÇÃO DE UMA WEBQUEST EM UMA FLEXQUEST PARA ENSINO DE QUÍMICA INORGÂNICA: ALIMENTOS ÁCIDOS E BÁSICOS E USO DOMÉSTICO**, os autores Lúcia Fernanda Cavalcanti da Costa Leite Alanis Luckwu da Silva, Robson Cavalcanti Lins, buscou verificar a contribuição da estratégia FlexQuest para o ensino de química a partir de uma WebQuest, na perspectiva de uma bolsista do PIBID Química. No artigo **ÁGUA: MOTE PARA ESTUDOS SOBRE A QUÍMICA EM ESCOLA PÚBLICA NA ZONA RURAL DE COCAL – PI**, os autores Jaíne Mendes de Sousa, Carlos Francisco Santos Aguiar, Lilian Oliveira do Nascimento Lucas Gomes de Araújo, Elenice Monte Alvarenga os autores buscou-se abordar conteúdos relativos à Química (propriedades da matéria, estados físicos, funções Químicas, substâncias e misturas), utilizando-se a água como tema gerador, de modo a se problematizá-la e abordar questões relativas ao seu uso. No artigo **ANÁLISE DA EVASÃO NO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DO CAMPUS SANTA CRUZ**, as autoras Rita de Cássia Shirlyane Vasco Campêlo, Rosângela Araújo da Silva procuram analisar percentualmente a evasão em cinco turmas do curso de Licenciatura em Matemática, no período de 2012 a 2016. No artigo **ANÁLISE DE ARTIGOS PUBLICADOS NA SEÇÃO EDUCAÇÃO EM QUÍMICA E MULTIMÍDIA DA REVISTA QUÍMICA NOVA NA ESCOLA NO PERÍODO DE 2010 A 2016** as autoras Carolina Queiroz Santana, Luís Felipe Silva da Paixão Brandão, Lucas Vivas de Sá, observar se os recursos tecnológicos visavam favorecer uma interação sociocultural crítica vinculada ao ensino de química. No artigo **APLICAÇÃO DE UMA WEBQUEST ASSOCIADA AO ENSINO DA NOMENCLATURA DE HIDROCARBONETOS**, os autores Lúcia Fernanda Cavalcanti da Costa Leite, Marcílio Gonçalves da Silva, Robson Cavalcanti Lins, objetivo é o de facilitar o ensino, a aprendizagem e ao mesmo tempo despertar o interesse do aluno para o assunto hidrocarbonetos aplicou-se uma WebQuest (WQ) como um recurso pedagógico. No artigo **ARTICULANDO O PIBID DIVERSIDADE E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO**, Rosilda Aragão Amorim, Tamires de Souza Fernandes, Terciana Vidal Moura as autoras buscam descrever a experiência de articulação realizada entre o PIBID Diversidade e a disciplina Estágio Supervisionado I do curso de Licenciatura em Educação do Campo com ênfase em Ciências Agrárias do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, desenvolvida nos Anos Finais do Ensino

Fundamental do Colégio Municipal Dr. Reinaldo Barreto Rosa, situado no distrito de Petim, município de Castro Alves-BA. No artigo **ÁRVORES GENEALÓGICAS PARA ESTUDANTES ATENDIDOS NA ASSOCIAÇÃO DOS CEGOS DO PIAUÍ EM TERESINA**, os autores Jairo Gabriel da Silva Nascimento, Kelly Mayara Silva da Paz Santos, Ítalo Vitor Monção da Silva Marlúcia da Silva Bezerra Lacerda, propõe-se a pesquisar a construção e a aplicação de um recurso didático para ensino de genealogias a educandos atendidos pela Associação dos Cegos do Piauí em Teresina (ACEPI). No artigo **AS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID NA FORMAÇÃO DOCENTE**, os autores Rita de Cássia Paulo dos Santos, Maria Emília Barreto Bezerra as autoras buscam analisar a participação dos alunos da Licenciatura em Física do IFRN Campus Santa Cruz no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). No artigo **AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE MATEMÁTICA E FÍSICA DOS ALUNOS DA 2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO**, os autores José Arteiro Claudino Chaves, Railton Rodrigues Alves Antonio Evangelista Ferreira Filho, Maria do Amparo Holanda da Silva buscamos compreender a participação da família e sociedade na formação dos alunos; investigar as estratégias de ensino adotadas pelos professores de Matemática e Física; além de especificar os fatores facilitadores descritos pelos discentes que podem suprir suas dificuldades. No artigo **AS IMPLICAÇÕES DA TEORIA DE JEROME BRUNER NO ENSINO DE MHS** Maria Danieli Clementino Araújo, Petrolina-Pernambuco Cynthia Altair Carvalho, Petrolina-Pernambuco, Antônia Lisboa Rodrigues Reis Petrolina-Pernambuco, Marina Nunes de Oliveira, Petrolina-Pernambuco Cícero Thiago G. dos Santos, Petrolina-Pernambuco, o trabalho apresenta um relato de experiência realizado por quatro alunas de graduação e um Professor do curso Licenciatura em Física do Instituto Federal de Ciência Tecnologia e Educação do Sertão Pernambucano Campus Petrolina. No artigo **AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS DE FORMAÇÃO DOCENTE – ANÁLISE DAS LICENCIATURAS PLENAS DO CCET PARTICIPANTES DO PROJETO PIBID/ UFMA**, Nos artigos **BRUNO DA SILVA COSTA, KARLA CRISTINA SILVA SOUSA** aborda as políticas educacionais para a formação de professores no Brasil e analisam as implicações do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). No artigo **AS POTENCIALIDADES DO MATERIAL CONCRETO PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA: O CÁLCULO DA RAIZ QUADRADA SOB O VIÉS DA GEOMETRIA** Pedro Alexandre Linhares Lima, Isabel Bezerra Lima Roberto Arruda Lima Soares analisar as potencialidades que envolvem os materiais concretos desde sua criação a sua aplicabilidade em sala de aula.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(RE) PENSANDO O PAPEL E O ESPAÇO DA GESTÃO NO CONTEXTO ESCOLAR	
Marlucia Barros Lopes Cabral	
João Pinto Cabral Neto	
Viviany Christine Rodrigues da Silva	
Jocília do Oliveira Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.1761912021	
CAPÍTULO 2	9
“SE O CAMPO NÃO PLANTA, A CIDADE NÃO JANTA!”: RELATO DE EXPERIÊNCIA DA OFICINA DE ESTÁGIO NA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO	
Thiago Lopes Santos	
Helenita Rodrigues Costa	
Terciana Vidal Moura	
Givanildo Ribeiro Braz	
DOI 10.22533/at.ed.1761912022	
CAPÍTULO 3	17
«CANTANDO LIGAÇÃO QUÍMICA»	
Karla Nara da Costa Abrantes	
Maria Aparecida da Silva Rodrigues	
Fabiana Gomes	
Alécia Maria Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.1761912023	
CAPÍTULO 4	28
A APLICAÇÃO DO ESTUDO DE CASO COMO METODOLOGIA DE ENSINO ALTERNATIVA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
Vanessa dos Santos Silva	
Carla Sabrina Jorge Santos	
João Sinval Moura	
DOI 10.22533/at.ed.1761912024	
CAPÍTULO 5	38
A APRENDIZAGEM NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO: DISCUSSÕES COM UM OLHAR PARA A INDISCIPLINA NA ESCOLA	
Danieli Vieceli	
Maria Teresa Ceron Trevisol	
DOI 10.22533/at.ed.1761912025	
CAPÍTULO 6	48
A ESPECIFICIDADE DA FILOSOFIA REQUER UM ENSINO ESPECÍFICO	
José Cândido Rodrigues Neto	
Valmir Pereira	
Maria Aparecida Silva Bezerra	
Maria Claudia Coutinho Henrique	
DOI 10.22533/at.ed.1761912026	

CAPÍTULO 7 56

A FORÇA DA PALAVRA: O RAP COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM E VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE PORTUGUÊS

Stefany Silva Vieira de Almeida
Aline Quintino Flôr

DOI 10.22533/at.ed.1761912027

CAPÍTULO 8 64

A IMPORTÂNCIA DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA NO APERFEIÇOAMENTO DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA ÁREA DE SAÚDE

Jefferson Romáryo Duarte da Luz
Hislana Carjoa Freitas Câmara
Rebeca Gondim Cabral Medeiros de Azevedo
Adriana da Silva Brito
Ana Katarina Menezes da Cruz
Rosangela Lopes Dias

DOI 10.22533/at.ed.1761912028

CAPÍTULO 9 72

A INTERPRETAÇÃO TEXTUAL COMO OBSTÁCULO NO ENSINO DE FÍSICA

Sandyeva Francione Silva Araújo
Raul Ferreira de Macêdo
Maria Emília Barreto Bezerra
Nelson Cosme de Almeida
Joseilda Viana de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.1761912029

CAPÍTULO 10 77

A RELAÇÃO AFETIVIDADE E O PROCESSO ENSINO - APRENDIZAGEM

Maria Rosilene de Sena
Aluana de Sousa Silva
Elisangela Costa Oliveira
Italo Rômulo Costa da Silva
Rosélia Neres de Sena

DOI 10.22533/at.ed.17619120210

CAPÍTULO 11 86

A TRIGONOMETRIA NO CURSO TÉCNICO EM ELETROTÉCNICA INTEGRADO AO ENSINO MÉDIO DO INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA- IFPB- CONTRIBUIÇÕES DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Antonio Gutemberg Resende Lins

DOI 10.22533/at.ed.17619120211

CAPÍTULO 12 96

ABORDAGEM CONCEITUAL E METODOLÓGICA DA PEDAGOGIA DE PROJETO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Maria Rita Silva Araujo
Teresinha Vilani Vasconcelos de Lima

DOI 10.22533/at.ed.17619120212

CAPÍTULO 13 108

AÇÕES EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: ABORDAGENS SOBRE SANEAMENTO BÁSICO EM COMUNIDADE RURAL DE COCAL-PI

Raiane de Brito Sousa
Letícia de Andrade Ferreira
Marciele Gomes Rodrigues
Paulo Sérgio de Araujo Sousa
Elenice Monte Alvarenga

DOI 10.22533/at.ed.17619120213

CAPÍTULO 14 118

ADAPTAÇÃO DE UMA WEBQUEST EM UMA FLEXQUEST PARA ENSINO DE QUÍMICA INORGÂNICA: ALIMENTOS ÁCIDOS E BÁSICOS E USO DOMÉSTICO

Lúcia Fernanda Cavalcanti da Costa Leite
Alanis Luckwu da Silva
Robson Cavalcanti Lins

DOI 10.22533/at.ed.17619120214

CAPÍTULO 15 130

ÁGUA: MOTE PARA ESTUDOS SOBRE A QUÍMICA EM ESCOLA PÚBLICA NA ZONA RURAL DE COCAL – PI

Jaíne Mendes de Sousa
Carlos Francisco Santos Aguiar
Lilian Oliveira do Nascimento
Lucas Gomes de Araújo
Elenice Monte Alvarenga

DOI 10.22533/at.ed.17619120215

CAPÍTULO 16 133

ANÁLISE DA EVASÃO NO CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA DO CAMPUS SANTA CRUZ

Rita de Cássia Shirlyane Vasco Campêlo
Rosângela Araújo da Silva

DOI 10.22533/at.ed.17619120216

CAPÍTULO 17 140

ANÁLISE DE ARTIGOS PUBLICADOS NA SEÇÃO EDUCAÇÃO EM QUÍMICA E MULTIMÍDIA DA REVISTA QUÍMICA NOVA NA ESCOLA NO PERÍODO DE 2010 A 2016

Carolina Queiroz Santana
Luís Felipe Silva da Paixão Brandão
Lucas Vivas de Sá

DOI 10.22533/at.ed.17619120217

CAPÍTULO 18 148

APLICAÇÃO DE UMA WEBQUEST ASSOCIADA AO ENSINO DA NOMENCLATURA DE HIDROCARBONETOS

Lúcia Fernanda Cavalcanti da Costa Leite
Marcílio Gonçalves da Silva
Robson Cavalcanti Lins

DOI 10.22533/at.ed.17619120218

CAPÍTULO 19 153

ARTICULANDO O PIBID DIVERSIDADE E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Rosilda Aragão Amorim
Tamires de Souza Fernandes
Terciana Vidal Moura

DOI 10.22533/at.ed.17619120219

CAPÍTULO 20 161

ÁRVORES GENEALÓGICAS PARA ESTUDANTES ATENDIDOS NA ASSOCIAÇÃO DOS CEGOS DO PIAUÍ EM TERESINA

Jairo Gabriel da Silva Nascimento
Kelly Mayara Silva da Paz Santos
Ítalo Vitor Monção da Silva
Marlúcia da Silva Bezerra Lacerda

DOI 10.22533/at.ed.17619120220

CAPÍTULO 21 173

AS CONTRIBUIÇÕES DO PIBID NA FORMAÇÃO DOCENTE

Rita de Cássia Paulo dos Santos
Maria Emília Barreto Bezerra

DOI 10.22533/at.ed.17619120221

CAPÍTULO 22 181

AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO ENSINO DE MATEMÁTICA E FÍSICA DOS ALUNOS DA 2ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

José Arteiro Claudino Chaves
Railton Rodrigues Alves
Antonio Evangelista Ferreira Filho
Maria do Amparo Holanda da Silva

DOI 10.22533/at.ed.17619120222

CAPÍTULO 23 193

AS IMPLICAÇÕES DA TEORIA DE JEROME BRUNER NO ENSINO DE MHS

Maria Danieli Clementino Araújo
Cynthia Altair Carvalho
Antônia Lisboa Rodrigues Reis
Marina Nunes de Oliveira
Cícero Thiago G. dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.17619120223

CAPÍTULO 24 198

AS POLÍTICAS EDUCACIONAIS DE FORMAÇÃO DOCENTE – ANÁLISE DAS LICENCIATURAS PLENAS DO CCET PARTICIPANTES DO PROJETO PIBID/ UFMA

Bruno Da Silva Costa
Karla Cristina Silva Sousa

DOI 10.22533/at.ed.17619120224

CAPÍTULO 25 207

AS POTENCIALIDADES DO MATERIAL CONCRETO PARA O ENSINO DA MATEMÁTICA: O CÁLCULO DA RAIZ QUADRADA SOB O VIÉS DA GEOMETRIA

Pedro Alexandre Linhares Lima

Isabel Bezerra Lima

Roberto Arruda Lima Soares

DOI 10.22533/at.ed.17619120225

CAPÍTULO 26 213

A IMPORTÂNCIA DAS AULAS PRÁTICAS DE LABORATÓRIO DO PONTO DE VISTA DISCENTE

Ozely Ferreira dos Santos

Denise Barbosa Costa

José Brandão de Menezes Júnior

Ozeane Ferreira dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.17619120226

SOBRE A ORGANIZADORA..... 222

A ESPECIFICIDADE DA FILOSOFIA REQUER UM ENSINO ESPECÍFICO

José Cândido Rodrigues Neto

Universidade Estadual da Paraíba
Campina Grande – PB

Valmir Pereira

Universidade Estadual da Paraíba
Campina Grande - PB

Maria Aparecida Silva Bezerra

Universidade Estadual da Paraíba
Campina Grande - PB

Maria Claudia Coutinho Henrique

Universidade Estadual da Paraíba
Campina Grande - PB

RESUMO: A Filosofia é uma atividade do pensamento e sua natureza é tanto especulativa quanto reflexiva. Uma de suas especificidades é a abertura de seus problemas, pois estes podem ser sempre rediscutidos e reavaliados. Em Filosofia não há verdades absolutas nem dados consensuais. Isto aponta para notáveis diferenças em relação a outras disciplinas, tendo em vista que estas possuem consenso sobre diversas teorias e são estruturadas de forma sistemática. O ensino destas disciplinas se pauta na transmissão de conteúdos, de uma forma bem ordenada. Em filosofia os problemas podem ser discutidos sem que haja uma interligação necessária entre eles. Assim, levando-se em consideração a abertura que

há nos problemas filosóficos, será que esta disciplina pode ser transmitida de uma maneira conteudista? Será que seu ensino deve ser pautado por uma didática comum a outras disciplinas, ou será que sua natureza crítica requer uma didática própria de ensino? Ao final deste trabalho esperamos ter promovido uma discussão sobre tais questões e de como deve ser o ensino da filosofia, de forma a levar em consideração suas particularidades. Para realizar este estudo optou-se por uma pesquisa bibliográfica, tendo como base de leitura os textos de Desidério Murcho, onde este autor trata sobre a natureza da filosofia. A investigação que aqui se procede tem relevância para o ensino de filosofia, tendo em vista que compreender a natureza desta é um passo importante para compreender como seu ensino deve ser conduzido.

PALAVRAS-CHAVE: Natureza da filosofia, ensino, especificidade, didática.

ABSTRACT: Philosophy is an activity of thought and its nature is both speculative and reflective. One of its specificities is the opening of its problems, since these can always be rediscussed and reassessed. In Philosophy there are no absolute truths or consensual data. This points to notable differences in relation to other disciplines, since they have a consensus on several theories and are structured in

a systematic way. The teaching of these subjects is guided in the transmission of contents, in a well ordered way. In philosophy problems can be discussed without there being a necessary interconnection between them. Thus, taking into account the openness that exists in philosophical problems, can this discipline be transmitted in a content-wise manner? Does your teaching have to be guided by a didactics common to other disciplines, or does its critical nature require its own didactic teaching? At the end of this paper we hope to have promoted a discussion about such questions and how philosophy should be taught in order to take into account their particularities. In order to carry out this study, we opted for a bibliographical research, based on the texts of Desidério Murcho, where this author deals with the nature of philosophy. The research that is carried out here has relevance to the teaching of philosophy, since understanding the nature of this is an important step in understanding how its teaching should be conducted.

KEYWORDS: Nature of philosophy, teaching, specificity, didactics.

1 | INTRODUÇÃO

A filosofia como atividade do pensamento é dinâmica e seus problemas nunca estão acabados ou esgotados. Um problema filosófico sempre pode ser rediscutido, reavaliado, e enxergado sob diversas perspectivas. A filosofia se diferencia de outras disciplinas, como por exemplo: química, física ou geografia, pois estas apresentam uma série de conteúdos que precisam ser transmitidos de forma sistemática, onde muitas vezes um conteúdo é pré-requisito para outro. Não se aprende equações sem que antes se saiba as quatro operações básicas da matemática, assim como não se pode estudar os tecidos do corpo humano sem ter estudado a teoria das células antes, nem também se pode estudar a história da modernidade sem ter um mínimo conhecimento de história antiga e medieval.

A filosofia apresenta uma notável diferença em relação a estas disciplinas, pois seus problemas podem ser discutidos sem que haja uma interligação necessária entre eles. Ela não apresenta a objetividade e a exatidão das ciências matemáticas, nem a classificação rigorosa das ciências biológicas. Embora a filosofia apresente uma abertura em suas problemáticas, o que constitui uma diferença em relação a outras disciplinas, alguns professores insistem em ensiná-la como se estivesse lidando com uma das demais disciplinas, optando por um ensino que se pauta na transmissão de conteúdos e deixando de lado o caráter especulativo e reflexivo do exercício filosófico.

Sendo assim, este trabalho tem por objetivo investigar se algumas particularidades e especificidades da filosofia exigem que esta tenha uma didática própria para ser ensinada. Levando-se em consideração a abertura que há nos problemas filosóficos, será que esta disciplina pode ser transmitida de uma maneira conteudista? Será que seu ensino deve ser pautado por uma didática comum a outras disciplinas, ou será

que sua natureza crítica requer uma didática própria de ensino? Ao final deste trabalho esperamos ter suscitado uma discussão sobre as particularidades da filosofia e de como deve ser o seu ensino, de forma a levar em consideração tais particularidades.

Para realizar este estudo optou-se por uma pesquisa bibliográfica, tendo como base de leitura os textos de Desidério Murcho em que este autor trata da natureza da filosofia e de como esta deve ser ensinada. A partir do que foi exposto, notamos que a investigação que aqui se procede tem relevância para o ensino de filosofia, tendo em vista que compreender a natureza desta é um passo importante para compreender como seu ensino deve ser conduzido, tornando-o mais eficaz e conseqüentemente fomentando, de forma mais consistente, a capacidade analítica e reflexiva dos estudantes desta disciplina.

2 | O ENSINO DA FILOSOFIA COMO FOMENTADOR DE UM PENSAMENTO CRÍTICO

A filosofia possui algumas especificidades que a distinguem de outras disciplinas, dentre elas podemos citar a abertura de seus problemas e a reflexão de si mesma. A atividade filosófica é dinâmica e inesgotável, pois consiste em desenvolver um pensamento crítico lançando novas possibilidades de enxergar os problemas que nos inquietam. Sendo a filosofia uma atividade do pensamento e não uma ciência ou um corpo de conhecimentos consensuais e sistematizados, ela deve ter uma didática própria, que instigue o aluno a pensar de forma autônoma e reflexiva. Ela não pode ser transmitida como sendo um amontoado de conteúdos que devem ser assimilados e decorados. Desse modo estaríamos ensinando ao educando o que determinado pensador disse sobre determinado tema, ao invés de possibilitá-lo a desenvolver seu próprio pensamento. Destarte, se faz notar que sobre o ensino da filosofia e a didática adotada para tal, há algumas posições equivocadas. Dentre estas podemos citar o seguinte trecho:

[...] pode-se dizer que uma “didática da Filosofia”, contextualizada no ambiente escolar, se interessa pela harmonização das condutas de ensino e dos processos de aprendizagem escolar com o objetivo de otimizar a aprendizagem do conteúdo filosófico pelos alunos. Embora uma “didática da Filosofia” se interesse unicamente pelo conteúdo filosófico, uma perspectiva interdisciplinar pode permitir o estabelecimento de um diálogo entre diferentes didáticas. (GHEDIN, 2009, p.118)

Este tipo de postura parece apontar para a adoção de uma didática em filosofia comum a outras disciplinas, além de priorizar conteúdos, e ainda buscar uma interdisciplinaridade, como se a filosofia fosse um mero instrumento interdisciplinar, que promove o diálogo entre diferentes campos do saber. Para ensinar filosofia o professor deve transmitir aos educandos os conceitos, os argumentos e as teorias filosóficas,

debatendo e relacionando o que ensina com o cotidiano em que seus alunos estão inseridos. Ao se apropriar destes o educando terá possibilidade de pensar criticamente e desenvolver de forma mais coerente suas concepções. Entretanto, isto não significa dizer que o professor deve empurrar um amontoado de conteúdos, de forma mecânica e acrítica. É preciso que haja discussão e reflexão em torno dos problemas filosóficos.

Tais problemas exigem uma argumentação lógica e coerente para serem discutidos. Entretanto, estes são dinâmicos e estão sempre abertos a novas reflexões e novas investigações, que serão validadas pela coerência dos argumentos. Para que se possa lançar soluções a uma determinada problemática é preciso estar bem inteirado sobre outras respostas, que outros filósofos deram aquela questão. Estas respostas podem ser melhoradas, redirecionadas ou modificadas. Para isso, é preciso ter boas informações sobre o campo que se quer adentrar. É necessário conhecer conceitos, ideias, problemáticas e soluções propostas anteriormente por outros pensadores. Pois isto enriquece uma discussão, além de dar a ela um caráter mais filosófico. Cabe então ao professor apresentar aos alunos os diferentes filósofos, seus conceitos e reflexões. Mais o professor não pode perder de vista que tais autores serão apenas enriquecedores de uma discussão, e não o conteúdo único da aula. Tendo em vista que esta não pode presar apenas por transmissão de conteúdos, uma vez que:

Ensinar filosofia é ensinar a pensar criticamente sobre os problemas, as teorias e os argumentos de filosofia. Para isso, o estudante tem de ter instrumentos críticos e informação adequada. Só assim poderá participar de igual para igual no debate das ideias filosóficas. (MURCHO, 2002, p. 13).

Para que o educando se aproprie de conceitos filosóficos é preciso que este seja inserido no debate de ideias filosóficas. Desta maneira, o aluno entenderá como determinado conceito funciona em determinada situação. Pois em filosofia os conceitos são vivos e se movimentam, sendo impossível dar uma definição fechada que abarque todas as suas possibilidades e aponte para um consenso, pois isto os empobreceria e imobilizaria sua capacidade de se reinventar, tornando-os estáticos.

A mobilidade e vivacidade dos problemas filosóficos exige um método próprio para o ensino de filosofia. Em outras disciplinas geralmente há um consenso sobre determinado conteúdo, ou sobre determinada teoria. Por exemplo: em biologia é consenso entre os biólogos que o corpo humano é formado por células. Os físicos concordam que os corpos são atraídos para o centro da terra pela força da gravidade, os químicos concordam que a molécula da água é composta por dois átomos de hidrogênio e um átomo de oxigênio. Nestas disciplinas há um consenso, que por vezes é duradouro. Em Filosofia não há consenso nem há um corpo de conhecimentos acumulativos, que possam ser transmitidos. Desse modo, isto se configura em um problema para o seu ensino, levando-se em consideração que:

Uma das dificuldades que estudantes e professores de Filosofia enfrentam é a seguinte: ao contrário do que acontece noutras disciplinas, a Filosofia não tem um corpo imenso de conhecimentos que tenhamos de adquirir. Isso desorienta o estudante e o professor, porque não encontram na Filosofia o tipo de conteúdos que se encontram na história, na física ou na matemática. Na História, há acontecimentos que têm de ser compreendidos; na Física, leis e fórmulas; na Matemática, teoremas e axiomas e regras. E na Filosofia? Há as opiniões opostas dos filósofos, que nunca parecem chegar a um consenso mínimo. (MURCHO, 2002, p.14)

Em filosofia dificilmente há um consenso sobre seus temas centrais. Como por exemplo: a liberdade, a justiça, a moralidade, a beleza, a angústia, etc. Desse modo, o professor de filosofia não pode apresentar dados consensuais e concretos, como ocorre na maioria das outras disciplinas. Ele deve ensinar o aluno a pensar de forma bem articulada sobre diferentes temas. Para isto, é preciso fazer com que o aluno se insira nas discussões de ideias filosóficas, pois desse modo ele irá ter contato com pensamentos de outros filósofos de uma forma mais viva e fértil. Neste sentido a perspectiva kantiana para o ensino filosófico é bem interessante. Segundo ela:

[...] se há uma disposição natural para atividade do pensar, o seu livre exercício é o melhor instrumento para a produção do conhecimento. Assim como se aprende a nadar nadando, a andar andando, assim também se aprende a pensar pensando. Essa disposição necessita ser cultivada com a ajuda de um mentor, de um mestre que, ao proceder socraticamente, induz o educando a pensar por si mesmo sem a ação inibidora da tutela. O modo como se ensina e aprende filosofia deve ser coerente quanto ao próprio modo de produção do seu conhecimento: ela não é uma ciência acabada. Por esta razão, deve-se exercitar o seu uso criticamente. (RAMOS, 2007, p.202)

Desta maneira, o ensino de filosofia deve instigar o aluno a pensar e argumentar. Algumas vezes até discordando do que outros filósofos disseram, mas baseando-se em argumentos e não em achismos. Em outras ocasiões os filósofos podem ser utilizados como fundamentação teórica para se construir o próprio pensamento, pois

[...] cada filósofo assina seu mundo e seu instrumental conceitual são ferramentas que usamos ou não, na medida em que são ou não interessantes para nossos problemas. Ou, para usar outra metáfora, as diferentes filosofias aparecem como diferentes óculos, cada um deles nos mostrando diferentes facetas do mundo. E, claro, não se trata aqui de colocar as diferentes filosofias em disputa, esperando que uma triunfe sobre as demais, mas apreender a possibilidade da convivência – tranquila ou não – entre elas. (ASPIS, GALLO, 2009, p. 40)

Se em filosofia não há provas irrefutáveis nem verdades absolutas, para um argumento ser aceito ele deve ser consistente. E é justamente isto que se espera de alunos de filosofia, que estes desenvolvam argumentos consistentes e bem articulados. Somente assim será possível defender determinada concepção ou ponto de vista.

Diante do que foi exposto, podemos concluir que a filosofia exige uma didática própria, não para se ensinar filosofias, mas para se ensinar a filosofar. Se aplicarmos uma didática universal e geral à filosofia, estaríamos descaracterizando-a e tornando-a

estéril e improdutiva. Seu ensino deve ser provocativo, lançando questões que inquietem os educandos, para que assim estes possam estar instigados a pensar e a propor soluções aos problemas, por meio de argumentos coerentes e bem construídos. O professor de filosofia não é aquele que transmite um corpo de conhecimentos sistematizados, mas é aquele que ensina seu aluno a pensar de forma consistente, sistematizada e coerente, pois pensar sem nenhum critério de criticidade é apenas pensar superficialmente e a esmo.

Assim, o professor pode utilizar o pensamento de outros filósofos como ferramenta propedêutica para ensinar seus alunos a desenvolver seu próprio pensamento, analisando como determinado filósofo defende seu ponto de vista, os argumentos que ele utiliza, quais desses são consistentes e mais fáceis de serem refutados. Deste modo, o educando estaria desenvolvendo a criticidade do pensamento e se tornando apto a raciocinar de forma mais consistente e reflexiva.

Ao debater um problema filosófico podemos trazer para o debate outros filósofos e ver as contribuições que estes deram, e o que podem ainda nos dar. Entretanto, não podemos tomar a fala de um filósofo como sendo verdade absoluta ou solução para nossos problemas. Até porque para eles esses problemas se deram em outros modos e em um diferente contexto e a solução que eles sugeriram era pertinente aquele período. Pode-se utilizar suas soluções como ferramenta que venha a auxiliar em nossas discussões e na formulação de nossas concepções, entretanto cabe a nós pensarmos os nossos problemas a partir de nós mesmos, pois as situações que os envolvem nos dizem respeito. Sobre isto é dito que:

Uma forma de tentar compreender um problema é saber o que alguns dos grandes filósofos, clássicos e contemporâneos, pensaram sobre esse problema. Muitas vezes, verifica-se que diferentes filósofos compreenderam o problema de formas sutilmente diferentes. A compreensão que um dado filósofo tem de um dado problema será melhor? Ou não? Por quê? Contrastando as formas como diferentes filósofos formularam um problema com a nossa própria compreensão do problema, enriquecemos a nossa compreensão, traçamos distinções e corrigimos confusões. (MURCHO, 2002, P. 16)

A aula de filosofia deve discutir algumas questões de natureza filosófica, entretanto o professor deve trazer para a discussão não apenas os diferentes filósofos já consagrados ao longo da história, mas deve instigar seu aluno a participar da discussão lançado seus questionamentos, suas hipóteses, e concepções, pra isto este educando precisa elaborar seus argumentos e fundamentar suas opiniões desenvolvendo assim sua criticidade, aprendendo a enxergar um problema sobre diferentes matizes e de diferentes perspectivas e nunca aceitando algo sem antes questionar. Estas são as características de um pensamento crítico.

Portanto, podemos concluir que para que o professor de filosofia desenvolva no aluno o pensamento filosófico é preciso levar em consideração a especificidade da filosofia que é a abertura de seus problemas, e o pensamento crítico e reflexivo, que

muitas vezes se volta para si mesmo. Deste modo, não se pode ensinar filosofia por meio de um corpo extenso de conteúdos, que serão transmitidos de forma mecânica e acrítica. Não se deve visar apenas transmitir um aglomerado de conceitos de outros filósofos, pois em filosofia não existem verdades acabadas. Tentar impor um pensamento é impor a impossibilidade de se pensar de forma autônoma, o que é contrário à essência do pensamento crítico.

O filosofar vai além de aprender a decorar o que outros disseram. A natureza da filosofia exige um tipo de ensino que a preserve. Porém, nem sempre isto acontece, tendo em vista que muitas vezes são adotadas práticas de ensino que desrespeitam e descaracterizam sua identidade. Para tornar o ensino de filosofia fecundo é preciso compreender suas especificidades, pois

Uma correta compreensão da natureza da Filosofia obriga a que o seu ensino procure o seguinte: o estudante terá de compreender claramente os problemas, as teorias e os argumentos da filosofia e terá de formar a sua opinião abalizada sobre eles; o estudante deverá ser estimulado a desenvolver o seu pensamento autônomo sobre os problemas, as teorias e os argumentos da Filosofia. Terá de ser capaz de traçar distinções relevantes, de saber defender as suas ideias, de conhecer os argumentos que se levantam contra suas ideias e de saber responder-lhes de forma adequada e responsável. Terá de conhecer as alternativas às ideias que defende, e terá de saber explicar por que razão as ideias que defende são melhores do que as alternativas. Terá de saber argumentar sem cair em falácias, terá de ser capaz de reagir a contra-argumentos e a contra-exemplos, terá de dominar os pormenores técnicos e as sutilezas das teoria e argumentos mais complexos. (MURCHO, 2002, p. 16)

Portanto, no ensino de filosofia é necessário que o professor leve em consideração a natureza reflexiva e crítica da filosofia. Esta não pode ser ensinada como se fosse um corpo de conteúdos, disposto de forma ordenada, rígida e estrutural. A filosofia é uma atividade do pensamento e para aprender a filosofar é preciso pôr em prática a capacidade argumentativa e toda a criticidade. Aprende-se a filosofar discutindo de forma filosófica os diversos temas que nos inquietam. E discutindo com os diversos filósofos que deram suas contribuições para as discussões destes temas. No pensamento filosófico não se chega a verdades absolutas ou provas irrefutáveis, isto seria imobilizar sua criatividade e dinamismo. A filosofia lança possibilidade de enxergar o mundo, a realidade e a nós mesmos. Estas possibilidades podem ser aceitas ou não, mas para isto é necessário justificarmos nossos posicionamentos e argumentar em favor deles. Pois do contrário não estamos em uma discussão filosófica, mas apenas emitindo juízos de valor. Ao discutir problemas através de uma abordagem filosófica estaremos filosofando e desenvolvendo a capacidade autônoma de raciocínio. Estas são capacidades que o estudante de filosofia deve possuir, e estas devem ser fomentadas por um ensino que leve em consideração o caráter reflexivo da filosofia.

3 | CONCLUSÃO

Diante do que expomos anteriormente, podemos concluir que aplicar um método de ensino universal, ou que seja próprio de outras disciplinas, não é compatível com a natureza filosófica e desta maneira tal ensino descaracterizaria a criatividade e a dinamismo do pensamento filosófico. Assim, o professor de filosofia deve presar por desenvolver em seu aluno uma mentalidade filosófica e a capacidade de enxergar diferentes problemas com um olhar reflexivo. Para isto, o professor deve trazer os alunos para as discussões filosóficas que devem ser conduzidas em sala de aula, sem prescindir de outros filósofos que darão embasamento teórico para que os alunos construam sua própria visão de mundo, e argumentem para defender esta. Entretanto, tais filósofos e seus conceitos não podem ser o conteúdo exclusivo da aula, mas uma ferramenta que auxilie o aluno a desenvolver seu pensamento, de forma crítica e reflexiva. Através disto, o professor está permitindo que seus alunos filosofem, pois ensinar a decorar jogos de palavras e a reproduzir frases de efeito não é o que se espera de uma aula de filosofia.

REFERÊNCIAS

- ASPIS, Renata Lima; GALLO, Silvio. **Ensinar filosofia**: um livro para professores. São Paulo: Attamídia, 2009. P.27-53.
- DIFONTE, Édison Martinho da Silva. **A perspectiva kantiana acerca do ensino de filosofia**. Disponível em <<http://coral.ufsm.br/gpforma/2senafe/PDF/006e1.pdf>> Acesso em: 05/06/2015.
- GHEDIN, Evandro. **Ensino de filosofia no ensino médio**. São Paulo: Cortez, 2009. P.93-132
- MURCHO, Desidério. A natureza da filosofia e o seu ensino. **Revista Educação**, v. 27, nº 02, p. 13-17, 2002.
- _____, **A natureza da filosofia e o seu ensino**. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/viewFile/1968/1642>> Acesso em: 14/06/2015.
- RAMOS, César Augusto. Aprender a filosofar ou aprender filosofia: Kant ou Hegel? **Revista transformação**, São Paulo, v 30, nº2, p. 197-217. 2007.

SOBRE A ORGANIZADORA

Solange Aparecida De Souza Monteiro - Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do grupo de pesquisa - GESTELD- Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-117-6

